

A atrevida e o abismo

Paulo V. Bloise*

“Eu sou uma pessoa curiosa do abismo”! Com essas palavras, Nise da Silveira descreve-se no documentário “Posfácio: Imagens do inconsciente” de Leon Hirszman (1986). Logo no início do filme, a psiquiatra afirma: “do mesmo modo que uma encadernação ou um trabalho de agulha permite que você conheça certas coisas das pessoas [...] minha gesticulação deve estar dizendo muito aqui. Talvez mais do que eu estou conseguindo falar...”. Esse trecho me remeteu diretamente à entrevista publicada no Psicopombo, realizada por Roberto Fernandes (1998), quando o fotógrafo Johnny Neto registrou detalhes tão expressivos das mãos de Nise - nodosas, ancestrais como raízes do abismo por ela transitado. Acredito que tanto o comentário de Nise a Leon Hirszman quanto a fotografia de Johnny, não são detalhes fortuitos, pois apontam para um con-

* Médico psiquiatra. Analista Junguiano SBPA/IAAP Mestre em Psiquiatria pela Unifesp. Autor de vários livros, como “O Tao e a Psicologia” e “Saúde integral: A medicina do corpo, da mente e o papel da espiritualidade”.
email: <pvbloise@terra.com.br>

The image shows the cover of the magazine 'Psicopombo', issue IV nº2, April + May 1998. The title 'Psicopombo' is prominently displayed at the top in a stylized font. Below the title, it says 'CRIAÇÃO, IDEIA E INFORMAÇÃO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA' and 'ANO IV Nº2 ABRIL + MAIO 1998'. The main headline is 'ENTREVISTA COM UMA PSIQUIATRA REBELDE' by Roberto Fernandes, with a sub-headline 'Roberto Fernandes entrevista Drª Nise da Silveira. Edição Vera Viciosa Sá'. The cover features a black and white photograph of hands, likely belonging to Nise da Silveira, as mentioned in the text. The text on the cover includes a short introduction to the interview and a list of questions and answers.

Drª Nise da Silveira é a pioneira na compreensão da psicodinâmica das psiques e inovadora no tratamento através da pintura e de outros recursos expressivos.

Incansável defensora da cidadania e dos cuidados humanitários aos portadores de doenças mentais, fundou em 1952, o Museu de Imagens do Inconsciente. Autora de vários livros que são clássicos da psicologia profunda, formou o Grupo de Estudos C. G. Jung, do qual é presidente desde 1968 até hoje.

Algoana, nascida sob o signo de aquário no ano de 1909, formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia. Ingressou no Serviço de Assistência à Psicopatias, onde dirigiu de 1946 a 1974, segundo suas palavras, “a modesta seção de terapêutica ocupacional” do Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro.

A psiquiatra foi entrevistada em seu apartamento no Rio de Janeiro, no verão de 1996, pelo psicólogo Roberto Fernandes e pelo fotógrafo Johnny Neto. Num clima de afeto e descontração, com direito a chá e bolachas, os entrevistadores apresentaram a nossa célebre junguiana com o livro “Arquétipos” do fotógrafo Johnny.

No começo da entrevista, a Drª Nise fobrava o livro do Johnny...

JOHNNY - Quem fez a introdução do meu livro foi o Início de Loyola Brandão.

Drª Nise - Eu conheço um santo muito pouco simpático com esse nome, o Santo Início de Loyola.

ROBERTO - Por que pouco simpático?

Drª Nise - Quem sabe por que a gente acha uma pessoa simpática ou antipática? São João da Cruz simpático, São Francisco de Assis, simpático. Santo Início de Loyola, antipático (risos).

Simpatia não é uma coisa única, a antipatia também tem seu direito. Se a simpatia tem uma grande força expressiva a antipatia também tem importância, pois se expressa antipaticamente... Não sei se vocês me põem no rol dos simpáticos ou dos antipáticos... Muita gente me põe no rol dos antipáticos... Eu sou aspera.

JOHNNY - Realista, né?

Drª Nise - Não creio que tanto.

ROBERTO - Por falar em livro, o seu livro “Imagens do Inconsciente” é maravilhoso!

Drª Nise - Todo escrito a partir de casos clínicos. É curioso porque depois de es-

crevi o “Mundo das Imagens”. Entretanto, o primeiro livro, “Imagens do Inconsciente”, tocou mais as pessoas. Recentemente, lancei um pocketbook, que eu gosto muito, chamado “As cartas a Espinosa”, filósofo que viveu no final do século XVII. São cartas ora de afeto, ora de briga.

ROBERTO - Sou encantado com o Espinosa.

Drª Nise - Eu também sou encantada pelo Espinosa.

ROBERTO - É bom sentir a vida através da lente do Espinosa, onde o homem, a natureza e Deus são uma coisa só.

Drª Nise - Talvez o senhor goste do meu Espinosa, da minha visão do Espinosa, ele não separa nem a vida da morte.

ROBERTO - Como? Seria a visão de que o ser continua no mundo depois da morte individual?

Drª Nise - Uma parte pode se acabar, a outra, conforme a pessoa, pode se prolongar.

O ENCONTRO COM A PSIQUIATRIA

ROBERTO - Como foi seu início na psiquiatria?

Drª Nise - Na época de Getúlio, quando voltei do exílio, reintegrei-me como assistente de um psiquiatra. Ele queria que eu fosse aprender a aplicar eletrochoque. Na minha ausência eles “inventaram” essas torturas... Ele aplicou um eletrochoque e depois falou: “Agora você!” e eu disse não. Neguei-me absolutamente. Foi assim, com essa pequena história, que eu comecei o livro que estou escrevendo atualmente: “A Psiquiatra Rebelde”.

ROBERTO - Os psiquiatras geralmente falam, que surtos psicóticos frequentes fragilizam progressivamente o ego. Qual a sua opinião?

Drª Nise - Os psiquiatras são uns idiotas

(continua na pg. 6)

SBPA

ceito importante na obra da psiquiatra denominado “Emoção de lidar”. Para desvendar a alma de seus pacientes (ou de uma entrevista?), Nise sugere observarmos não só o produto de um trabalho expressivo, mas também o entusiasmo e a emoção envolvida na criação. Esse *insight*, que ela teve ao observar pacientes nas oficinas de Terapia Ocupacional, foi um grande marco no trabalho que desenvolveu em seu Museu de Imagens do Inconsciente.

“Quem sabe por que a gente acha uma pessoa simpática ou antipática?”, pergunta Nise durante a entrevista à SBPA e avalia que para muitos, ela era vista como áspera ou até antipática. Bem, conhecendo Roberto Fernandes, é possível sentir a simpatia presente no encontro dos dois rebeldes, regado a chá, bolachas e admiração mútua a Espinosa. Em alguns momentos da conversa com Roberto, sua *aspereza* vem à tona, por exemplo em relação à psiquiatria e aos colegas. Para entendê-la melhor, devemos lembrar que os tratamentos aos transtornos mentais em meados do século vinte eram cruéis e pouco eficazes. Ninguém sustentaria, atu-

almente, tratar um esquizofrênico somente com pinturas, deixando os medicamentos de lado. Mas, se a abordagem farmacológica evoluiu muito nas últimas décadas, o aspecto trazido pela genialidade de Nise da Silveira, sua leitura psicodinâmica e humanizada, continua bem ausente nos confins do Brasil.

Assisti ao documentário “Posfácio...” e, em seguida, reli a entrevista. Coisa curiosa. Foi como se as palavras impressas chegassem a mim através da sua voz, tão marcante nas filmagens. Roberto indaga sobre a possibilidade de continuarmos no mundo após a morte e eu escutei nesse ouvido psíquico, uma voz grave, derramando palavras, uma a uma, lentamente: - Uma parte pode acabar, a outra, conforme a pessoa, pode se prolongar!

Não sei em que Nise se baseou para afirmar isso. Mas, no que toca a ela, sinto que segue entre nós, mais viva do que nunca, influenciando nossa cultura e inspirando novas gerações. ■

Recebido em: 16/05/2021 Revisão em: 18/06/2021

Referências

FERNANDES, R. Entrevista com uma psiquiatra rebelde. *Psicopombo*, abr./maio 1998.

HIRSZMAN, L. (Dir.). *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro, RJ: Embrafilme, 1986.

Entrevista com uma psiquiatra rebelde

Roberto Fernandes e Jonhny Neto entrevistam Dr^a Nise da Silveira para o Psicopombo

Dr^a Nise da Silveira é a pioneira na compreensão da psicodinâmica das psicoses e inovadora no tratamento através da pintura e de outros recursos expressivos.

Incansável defensora da cidadania e dos cuidados humanitários aos portadores de doenças mentais, fundou em 1952, o Museu de Imagens do Inconsciente. Autora de vários livros que são clássicos da psicologia profunda, formou o grupo de estudos C. G. Jung do qual é presidente desde 1968 até hoje.

Alagoana, nascida sob o signo de aquário no ano de 1905, formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia. Ingressou no serviço de Assistência a Psicopatias, onde dirigiu de 1946 a 1974, segundo suas palavras, ‘a modesta seção terapêutica ocupacional’ do Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro.

A psiquiatra foi entrevistada em seu apartamento no Rio de Janeiro, no verão de 1996, pelo psicólogo Roberto Fernandes e pelo fotógrafo Jonhny Neto. Num clima de afeto e descontração, com direito a chá e bolachas, os entrevistadores apresentaram a nossa célebre junguiana com o livro “Arquétipos” do fotógrafo Jonhny.

No começo da entrevista, a Dr^a Nise folheava o livro de Jonhny...

JONHNNY - Quem fez a introdução do meu livro foi o Inácio de Loyola Brandão.

DR^a NISE - Eu conheço um santo muito pouco simpático com esse nome, o Santo Inácio de Loyola.

ROBERTO - Por que pouco simpático?

DR^a NISE - Quem sabe por que a gente acha uma pessoa simpática ou antipática? São João da Cruz, simpático. São Francisco de Assis, simpático. Santo Inácio Loyola, antipático (risos). Simpatia é uma coisa única, a antipatia também tem seu direito. Se a simpatia também tem uma grande força expressiva a antipatia também tem

importância, pois se expressa antipaticamente... Não sei se vocês me põem no rol dos simpáticos ou dos antipáticos... Muita gente me põe no rol dos antipáticos... Eu sou áspera.

JONHNNY - Realista, né?

DR^a NISE - Não creio que tanto.

ROBERTO - Por falar em livro, o seu livro “Imagens do Inconsciente” é maravilhoso!

DR^a NISE - Todo escrito a partir de casos clínicos. É curioso porque depois eu escrevi o “Mundo das Imagens”. Entretanto, o primeiro livro, “Imagens do Inconsciente”, tocou mais as pessoas. Recentemente, lancei um pequenino que eu gosto muito, chamado “As Cartas a Espinosa”, filósofo que viveu no final do século XVII. São cartas ora de afeto, ora de briga.

ROBERTO - Sou encantado com Espinosa.

DR^a NISE - Eu também sou encantada pelo Espinosa.

ROBERTO - É bom sentir a vida através da lente do Espinosa, onde o homem, a natureza e Deus são uma coisa só.

DR^a NISE - Talvez o Senhor goste do meu Espinosa, da minha visão do Espinosa, ele não separa nem a vida da morte.

ROBERTO - Como? Seria a visão de que o ser continua no mundo depois da morte individual?

DR^a NISE - Uma parte pode se acabar, a outra, conforme a pessoa, pode se prolongar.

O ENCONTRO COM A PSIQUIATRIA

ROBERTO - Como foi seu início na psiquiatria?

DR^a NISE - Na época de Getúlio, quando voltei do exílio, reintegrei-me como assistente de um psiquiatra. Ele queria que eu fosse aprender a aplicar eletrochoque. Na minha ausência eles “inventaram” essas torturas... Ele aplicou um eletrochoque e depois falou: “Agora você!” e eu disse não. Neguei-me absolutamente. Foi assim, com essa pequena história, que eu comecei o livro que estou escrevendo atualmente: “A Psiquiatra Rebelde”.

ROBERTO - Os psiquiatras geralmente falam que surtos psicóticos frequentes fragilizam progressivamente o ego. Qual a sua opinião?

DR^a NISE - Os psiquiatras são uns idiotas e habitualmente muito fracos.

ROBERTO - A senhora acha que eles querem controlar?

DR^a NISE - Tanto quanto podem! Eu solto tanto quanto posso.

JONHNNY - Ah, que coisa linda!

ROBERTO - A senhora se interessa pela antipsiquiatria do Franco Basaglia?

DR^a NISE - Chamam isto de antipsiquiatria, mas, pra mim, antipsiquiatria é esta que está por aí, com esses remédios horrorosos, isto é que é a antipsiquiatria.

ROBERTO - A senhora é a favor de medicar os surtos psicóticos?

DR^a NISE - Não!!!

ROBERTO - O que a senhora aconselha em uma crise psicótica aguda?

DR^a NISE - Que pinte o que está sentindo no seu surto. As imagens são expressões dos conteúdos internos, portanto, a pintura pode ser um escafandro na viagem pelo inconsciente.

ROBERTO - A senhora está falando dos conteúdos arquetípicos!

DR^a NISE - Os arquétipos estão lá, no fundo do inconsciente. Geralmente são reativados pelas pressões, pelas emoções, e vêm ao indivíduo em formas míticas.

ROBERTO - Qual a melhor forma para se aprender Jung?

DR^a NISE - A melhor forma para se aprender Jung é no Museu de Imagens do Inconsciente.

ROBERTO - E aquele famoso conselho dado por Jung, durante sua visita a ele, para que estudassem mitologia? Foi um bom conselho?

DR^a NISE - A visita que ele me concedeu foi vivida com muita intensidade. Estávamos sentados, um em frente ao outro, sozinhos. Eu dizia da minha insatisfação com a psiquiatria, e ele fumando cachimbo calado... Eu comecei a

ficar meio encabulada, não sei se vocês paulistas conhecem esta palavra, encabulada... Ele me perguntou: “Você estuda mitologia?”. “Não, professor”, eu respondi. “A mitologia que eu conheço é através de episódios da literatura, mas estudos propriamente de mitologia eu nunca fiz”. Então ele me perguntou: “Como é que você pode pensar e entender os delírios dos seus doentes ou as imagens que eles produzem?”. Eu havia feito uma exposição belíssima, em Zurique, mas muita coisa me faltava aprender... Como eu poderia entender aquelas imagens? Então, comecei a estudar mitologia para trabalhar mais profundamente.

ROBERTO - Foi emocionante esse seu encontro com ele?

DR^a NISE - Naturalmente! Ele próprio, a figura de Jung emocionava pela simplicidade. Mas, como ele percebeu que eu estava emocionada, me perguntou para a minha maior surpresa: “Que fantasias você fez a meu respeito?” (risos).

ROBERTO - Ele perguntou assim? E o que você respondeu? Ou esse assunto é do tipo “só às paredes confesso”?

DR^a NISE - Eu fiquei calada, e continuei fazendo fantasias. Deus me livre de parar de fazer fantasias...

Nesse momento, nossa estimada entrevistada nos perguntou: “E vocês quando voltam para São Paulo”?

ROBERTO - Hoje. Viemos ao Rio para bater esse papo com você.

DR^a NISE - Vocês são malucos, uma qualidade simpática (risos).

Para finalizar, Dr^a Nise nos comunicou que estava com uma exposição no Paço Imperial do Rio, denominada: “Os múltiplos estados do Ser” e nos convidou a participar do seu grupo de estudos semanal que, além de gratuito, conta, até, com participantes de outros estados. ■